

***Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas,  
de Bernardete Angelina Gatti.***

**Brasília: Líber Livro, 2005. Série Pesquisa em Educação.**

\*Mestranda em Educação  
– PPGE-Uninove.  
gomes@uninove.br, São Paulo  
[Brasil]

***Sandra Regina Gomes\****

Como preâmbulo a esta resenha, apresentamos a série “Pesquisa em Educação”, coordenada por Bernardete Angelina Gatti, uma contribuição teórica que inclui trabalhos que tratam de aspectos diferenciados do desenvolvimento da pesquisa na área educacional. É também da autora o primeiro volume da série, *A construção da pesquisa em educação no Brasil*, que aborda algumas questões metodológicas apresentadas como desafios aos pesquisadores nesse campo. O segundo volume é dedicado à iniciação de estudantes no processo de pesquisa; os demais volumes, de diversos autores, oferecem ampla visão das opções em coleta de dados, além de significativa contribuição para o desenvolvimento de procedimentos mais consistentes para pesquisa em educação.

Gatti, coordenadora do Departamento de Pesquisa Educacional da Fundação Carlos Chagas (FCC) e docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), têm vários livros publicados e mais de cem artigos em revistas especializadas, no Brasil e no exterior. Esta publicação traduz as preocupações dos cientistas do campo das ciências sociais e humanas que concebem a técnica do grupo focal como meio de pesquisa que deve privilegiar a rede de interações entre as abordagens qualitativas em pesquisa social.

A obra, organizada em cinco capítulos, pode ser considerada um manual para o pesquisador preocupado com a relevância dos dados a serem obtidos para o estudo de determinado problema, na medida em que a utilização dessa técnica permite: 1) a emergência de uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado; 2) a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de manifestar; 3)

a obtenção de quantidade substancial de informações num período relativamente curto; 4) a vinda à tona de respostas mais completas; 5) a possibilidade de verificar a lógica ou as representações que conduzem a respostas.

No primeiro capítulo, “Introduzindo o grupo focal”, a autora apresenta o enfoque técnico, trazendo contribuições de outros teóricos sobre os mecanismos de coleta de dados do grupo focal. Cita, por exemplo, Powel e Single, que definem grupo focal como “[...] um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um item, que é objeto da pesquisa, a partir de sua experiência pessoal [...]” (p. 7). Gatti comenta que, desde os anos 1920, o grupo focal é empregado como técnica de pesquisa em marketing, tendo sido utilizados nos anos 1970 e 1980, entre outras áreas, na pesquisa em comunicação. No início dos anos 1980, foi redescoberto e adaptado, como meio de pesquisa, à investigação científica nas ciências sociais e humanas.

Segundo a autora, alguns cuidados básicos precisam ser observados pelo pesquisador ao adotar essa técnica: quanto à constituição do grupo, cujos participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas; quanto ao papel do pesquisador-moderador ou facilitador na condução do grupo focal, respeitando o princípio da não-diretividade, alertando para os limites dessa técnica. Ressaltam-se ainda a importância das interações que ocorrem dentro do grupo e a positividade dos encontros, que podem representar um momento de desenvolvimento para os participantes, tanto nos aspectos comunicacionais quanto nos cognitivos e afetivos.

No segundo capítulo, “Organização e desenvolvimento do trabalho com grupos focais”, com muita propriedade, Gatti ressalta a necessidade de “[...] um certo grau de teorização sobre o tema em foco, que o pesquisador deve ter elaborado para seus propósitos [...]” (p. 17), o que lhe permitirá o levantamento das questões relevantes e contextualizadas e a construção de um roteiro preliminar de trabalho.

Na seqüência, sobre a composição do grupo, a autora chama a atenção do leitor para os requisitos necessários à composição de grupo com características homogêneas, fator facilitador do desenvolvimento ulterior da comunicação intergrupala. Tece ainda considerações sobre o número de participantes, o emprego da técnica e a dinâmica, destacando a forma de convite e a motivação com vistas à adesão dos participantes, que constituem etapas delicadas na criação de um grupo focal.

No item relativo à organização, Gatti faz sugestões para favorecer a integração dos participantes e proceder ao registro das interações. Com relação à dinâmica dos encontros do grupo focal, a autora ressalta detalhes quanto à duração dos encontros, à importância da abertura dos trabalhos – garantia da criação das condições favoráveis à participação de todos os membros do grupo –, à imprescindível flexibilidade que favorece a dinâmica do grupo e o papel do moderador na condução dos trabalhos.

Fechando este capítulo, a autora chama a atenção dos leitores para a importância das interações intergrupais desenvolvidas com certo grau de liberdade, resultando numa cultura grupal, o que faz do grupo focal um meio de pesquisa eficaz em ciências sociais e humanas. Destaca-se aí importância do papel do moderador na realização dos trabalhos do grupo.

No terceiro capítulo, “A análise dos dados obtidos com o grupo focal”, a autora apresenta ao leitor, passo a passo, os procedimentos necessários à análise dos dados coletados. Esses procedimentos, semelhantes aos utilizados em outras análises de dados qualitativos nas ciências sociais e humanas, não se restringem a um modelo único e acabado de análise de dados para os grupos focais. Recomenda-se, para a análise dos dados obtidos com o grupo focal, a retomada dos objetivos do estudo e do uso desta técnica, assim como a organização do material coletado.

Gatti trata da possibilidade da construção de um plano descritivo das falas e do cuidado necessário com as transcrições, deslindando significados e sentidos. Ao reafirmar que a perspectiva interacionista deve ser privilegiada

nos grupos focais, a autora recomenda atenção às seqüências de trocas e às condições contextuais dos momentos grupais nesse processo.

No restante do capítulo há recomendações da autora quanto às codificações ou categorizações, que podem ser estabelecidas *a priori* com o apoio das teorizações, e também *a posteriori*, a partir do próprio material obtido. Sobre a análise quantitativa do coletado, Gatti alerta o leitor sobre a necessidade de quantificar categorias, expressões, relatos de experiência, e ainda seleciona observações e recomendações de autores que também se debruçaram sobre o tema abordado neste livro.

No capítulo 4, “Pesquisas com grupos focais”, são apresentados sete trabalhos de pesquisa, que demonstram a multiplicidade do uso do grupo focal como técnica de coleta de dados. A autora, ao detalhar os procedimentos adotados nessas pesquisas – a maioria recentemente publicada –, ilustra e reforça, didaticamente, aspectos abordados no capítulo 2, acerca da organização e desenvolvimento do trabalho com grupos focais.

No quinto e último capítulo, “Potencialidades e limitações”, Gatti aponta as limitações, os riscos e as dificuldades do emprego dessa técnica, ressaltando que os dados gerados são volumosos e de natureza complexa. Em contrapartida, enfatiza as potencialidades e benefícios que o grupo focal pode trazer para a pesquisa no campo das ciências sociais e humanas.

Trata-se, portanto, de uma obra que deve ser lida, discutida e apreendida por todos os pesquisadores, notadamente por aqueles que buscam, na pesquisa em educação, outros instrumentos de coleta de dados. O grupo focal, no campo educacional, pode representar, pela interação de seus membros, além de uma possibilidade efetiva de diálogo e reflexão – com ganho para pesquisadores e pesquisados –, uma compreensão mais aprofundada das relações que a educação estabelece na socialização de experiências que possam ser alvo de nossa crítica e de nosso exame, e venham, de fato, conferir um sentido maior aos trabalhos acadêmicos.